

Mais Leonardos e menos Pinóquios: A Pedagogia de Rubem Alves e a valorização do prazer e da criatividade dos educandos

*Reuber Gerbassi Scofano*¹

RESUMO

Grande parte da obra de Rubem Alves é dedicada ao campo educacional. Coerente com toda a sua produção em diversas áreas como Teologia, Psicanálise e Literatura infantil, neste campo ele fez uma crítica mordaz ao pensamento conservador, lançando mão do uso de imagens que dão um brilho único a suas reflexões. Ele utilizou as figuras de Pinóquio e Leonardo da Vinci para criticar a pedagogia tradicional: Pinóquio às avessas para mostrar que as escolas transformam seres de carne e osso em “bonecos de pau”; Leonardo da Vinci como exemplo de como uma educação que valorize o prazer e o desejo e a imaginação da criança pode formar adultos criativos e cada vez mais originais e humanos.

PALAVRAS-CHAVE

Rubem Alves. Pedagogia. Desejo. Prazer. Imaginação.

ABSTRACT

Much of Rubem Alves' work is dedicated to Education. In this field – in a way that is consistent with all of his production in several other

¹ Reuber Gerbassi Scofano, mestre e doutor em Educação (UFRJ), é professor associado de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

areas such as Theology, Psychoanalysis and Children's Literature – he made a scathing criticism of conservative thinking by making use of images that are a hallmark of his thought in this area. He used the figures of Pinocchio and Leonardo da Vinci to criticize traditional pedagogy: A Pinocchio in reverse shows that schools transforms beings of flesh and bones into “wooden puppets”; and Leonardo da Vinci serves as an example of how an Education that values pleasure, desire, and children's imagination could develop creative and increasingly unique and human adults.

KEYWORDS

Rubem Alves. Pedagogy. Desire. Pleasure. Imagination.

Rubem Alves tem uma parte considerável de sua obra dedicada ao campo educacional. Coerente com toda a sua produção em diversas áreas como Teologia, Psicanálise e Literatura infantil, também no campo educacional ele fez uma crítica mordaz ao pensamento conservador, lançando mão do uso de imagens que dão um brilho único a suas reflexões.

Entre as imagens que utilizou para criticar a pedagogia tradicional estão as figuras de Pinóquio e Leonardo da Vinci. Pinóquio às avessas é a imagem que ele usa para ilustrar o que as escolas fazem com os alunos: transformam seres de carne e osso em “bonecos de pau”. Alunos educados para reproduzir o que lhes é repassado e formatados para o mercado de trabalho. A figura de Leonardo da Vinci é evocada como exemplo de como uma educação que valorize o prazer e o desejo e a imaginação da criança pode formar adultos criativos e cada vez mais originais e humanos.

O objetivo central desse artigo é apresentar algumas das reflexões educacionais do filósofo que apontam para uma defesa sem tréguas do respeito à dignidade do educando. O aluno, segundo Alves, é a principal vítima de nosso modelo educacional. A *via crucis* educacional da criança já começa nos primeiros anos de vida, no seu próprio lar. Há sempre um momento em que pai e mãe perguntam ao filhinho:

– O que você vai ser quando crescer?

Pergunta inevitável, considerada necessária, prudente e que ninguém questiona. A profissão não importa tanto desde que ela pertença ao

rol das categorias respeitáveis que um pai gostaria de ver colados junto ao nome do filho e ao seu, obviamente. Engenheiro, advogado, médico, diplomata, etc...

Na verdade, a pergunta que o pai faz, no fundo é: “Qual o nome do meio de produção em que você deseja ser transformado?” E a escola tem papel fundamental nessa ação sobre a criança.

Conheço um mundo de artifícios de psicologia e de didática para tornar a aprendizagem mais eficiente. Aprendizagem mais eficiente: mais sucesso na transformação do corpo infantil brincante no corpo adulto produtor. Mas para saber se vale a pena, seria necessário que comparássemos os risos das crianças com os risos dos adultos, e comparássemos o sono das crianças com o sono dos adultos².

As escolas são instituições dedicadas à destruição das crianças. Algumas agem de forma delicada e outras de forma brutal. Mas todas elas tem uma frase norteadora: “A criança que brinca nada mais é que um meio para o adulto que produz”. Se o critério mais importante for a utilidade social, temos que reconhecer que a criança é inútil.

Como se fosse uma pequena muda de repolho, bem pequena, que não serve para salada e nem para ser recheada, mas que, se propriamente cuidada, acabará por se transformar num gordo e succulento repolho e, quem sabe um saboroso chucrute? Então olharíamos para a criança não como quem olha para uma vida que é um fim em si mesmo, que tem direito ao hoje pelo hoje... Ora, a muda de repolho não é um fim. É um meio. O agricultor ama, nas mudinhas de repolho, os caminhões cheios de cabeças gordas que se encontram ali escolhidas e prometidas. Ou mais precisamente os lucros que delas se obterá... utilidade social³.

Na crônica intitulada “A lei de Charlie Brown” Alves nos conta a respeito de uma tira desse personagem em um jornal em que ele explica a um amiguinho a importância das escolas e de se tirar boas notas. Para

² ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. Campinas: Ars Poetica, 1995, p. 49.

³ ALVES, 1995, p. 48.

Charlie Brown, tiramos boas notas na escola para passarmos do primário para o ginásio (atuais Ensino Fundamental e Médio, respectivamente). Se mantivermos as boas notas no ginásio, passamos para o Colégio (atualmente faz parte do Ensino Médio) e depois para a Universidade. Se nesta também tivermos boas notas, conseguiremos um bom emprego, poderemos casar e ter filhos para mandá-los à escola. Lá eles estudarão um monte de coisas para tirar boas notas e... isso é uma verdadeira lei da educação porque, na prática, é assim mesmo que as coisas acontecem. Trata-se de uma máquina absurda pela qual nossas crianças e nossos jovens são obrigados a passar, em nome da educação.

Nietzsche, que via a sua missão como a de um educador, também se horrorizava diante daquilo que as escolas faziam com a juventude: ‘O que elas realizam’, ele dizia, ‘é um treinamento brutal, com o propósito de preparar vasto número de jovens, no menor espaço de tempo possível, para se tornarem usáveis e abusáveis, a serviço do governo’. Se ele vivesse hoje, certamente faria uma pequena modificação na sua última afirmação. Em vez de usáveis a serviço do governo, diria usáveis a serviço da economia⁴.

As crianças aprendem bem a lição. Tão bem que se tornam incapazes de pensar coisas diferentes. Tornam-se ecos dos roteiros e receitas propostos pelo professor. Tornam-se incapazes de dizer o diferente. Se existe uma maneira certa de pensar e de fazer as coisas, por que ter o trabalho de trilhar caminhos não explorados? É só repetir aquilo que a tradição consolidou e que a escola ensinou. O saber estabelecido poupa as pessoas do risco da aventura de pensar. Isso não quer dizer que toda forma de saber sedimentado seja ruim. Muitas vezes eles são extremamente úteis. Mas o equívoco está em ensinar ao aluno que é disso que a ciência, o saber e a vida são feitos. Ao aprender que existem respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e errar, ficam sem saber que para cada resposta certa, milhares de tentativas mal sucedidas foram feitas.

Talvez um dia, diferentemente do que ocorre agora, os alunos sejam avaliados também pela ousadia de seus voos. Trabalhos e pesquisas

⁴ ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000, p. 23.

sejam aprovados a despeito de sua conclusão insólita. Assim, no término dessas pesquisas os alunos concluiriam que todas as suas hipóteses estavam erradas. Isto também é conhecimento. Para ilustrar a formação pouco ousada que os alunos recebem, utiliza a seguinte imagem.

Escondidos em meio à vegetação da floresta, observávamos a anta que bebia à beira da lagoa. Suas costas estavam feridas, fundos cortes onde o sangue ainda se via. O guia explicou: ‘A anta é um animal apetitoso, presa fácil das onças. E, sem defesas contra a onça, ela só dispõe de uma arma: estabelece uma trilha pela floresta, e dela não se afasta. Este caminho passa por baixo de um galho de árvore, rente às suas costas. Quando a onça ataca e crava os dentes e garras no seu lombo, ela sai em desabalada corrida por sua trilha. Seu corpo passa por baixo do galho. Mas não a onça, que recebe uma paulada. E assim, a anta tem uma chance de fugir.’ Acho que a educação frequentemente cria antas: pessoas que não se atrevem a sair de suas trilhas aprendidas, por medo da onça. De suas trilhas sabem tudo, os mínimos detalhes, especialistas. Mas o resto da floresta permanece desconhecido. Pela vida vão brincando de ‘Boca de forno...’⁵.

Outra analogia que mostra toda a indignação com o que é feito com as crianças na escola está presente na crônica “Sobre vacas e moedores”. Nesse texto, o filósofo faz uma analogia entre o que o açougue faz com a vaca e o que a escola faz com a criança.

Ao passar por um açougue, Alves, que é apaixonado por vacas, despertou para uma reflexão. O açougue é o lugar onde a mansidão bovina é transformada em utilidade comercial. Para serem úteis, elas tem de morrer. Prossegue então, fazendo uma verdadeira exaltação a este animal não pelo seu valor de troca e sim pelos sonhos e sensações que ele provoca. Na esteira de Gaston Bachelard, afirma que a vaca é um objeto onírico. Ela nos faz pensar. Ao pararmos e observarmos a sua calma e seu olhar manso, despertamos para os sonhos de paz e harmonia, coisa rara em nossos tempos.

Eu não tenho a vaca por causa do leite. Eu tenho a vaca porque gosto de ficar olhando para ela, aqueles olhos tão mansos, aquele ar

⁵ ALVES, 2000, p. 31.

tão plácido, tão diferente das pessoas com quem lido... Tenho a vaca porque ela me faz ficar tranquilo... (...) Acho que foi por isso, por esta sabedoria filosófica com que as vacas nos fazem sonhar que os hindus as elegeram como seres sagrados. As vacas parecem estar em paz com a vida – muito embora o seu destino possa ser trágico. Trágico não por causa delas, mas por causa dos homens, que pouco se comovem com seus olhos mansos. Cecília Meireles colocou num verso essa condição bovina, como paradigma da condição humana: Sede assim – qualquer coisa serena, isenta, fiel, igual ao boi que vai com inocência para a morte⁶.

Esvaziadas de suas belas e inúteis funções oníricas, os homens práticos destinam as vacas ao corte. Em sua placidez filosófica, a vaca não é útil a ninguém que pensa em termos de valor de troca. Faz-se necessário que a máquina a transforme numa outra coisa para que ela seja útil ao homem. De forma bastante criativa, o autor então inicia uma “conversa” no açougue com os rolos de carne moída que saem da máquina.

Perguntei-lhes se sentiam saudades dos pastos, dos riachos, das paineiras floridas...Mas parece que haviam se esquecido de tudo. ‘Pastos, riachos, paineiras – o que é isso? Parece que a máquina de moer carne tem o poder de produzir amnésia. Perguntei-lhes então sobre seus sonhos. E me responderam: hambúrgueres, McDonalds, BOB’s, churrascos... Só sabiam falar de sua utilidade social. Até falavam inglês...’⁷.

Aqui entra a analogia com os alunos e a escola. A carne cortada, o moedor, os rolinhos lembraram imediatamente a escola. As crianças são seres oníricos, seus pensamentos voam. Sonham sonhos de alegria e beleza. Só querem brincar. Assim como as vacas de olhos mansos, são belas e inúteis. Porém a nossa sociedade não tolera a inutilidade. Tudo tem de ser transformado em lucro. Assim como as vacas, as crianças têm de passar pelo moedor de carne. “Pelos discos furados, as redes curriculares, seus corpos e pensamentos vão passando. Todas são

⁶ ALVES, 2000, p. 39.

⁷ ALVES, 2000, p. 42.

transformadas numa pasta homogênea. Estão preparadas para se tornar socialmente úteis⁸.

Após passarem pelo moedor de carne escolar as crianças são colocadas em “embalagens de plástico” que pode ser chamada de formatura. Formatura é isto: quando todos ficam iguais, moldados pela mesma forma.

São profissionais. Mas o que é um profissional? Um corpo que sonhava e que foi transformado em ferramenta. As ferramentas são úteis e necessárias. O grande problema é que elas não sabem sonhar. Na crônica “Corpo com asas” prossegue em sua análise do que a escola faz com a criança utilizando a metáfora do casulo e da borboleta. Observando um casulo discorre:

Pude ver o momento em que um dos casulos se rompeu. Tímida, fraca e desajeitada, sem saber direito o que fazer com a sua nova forma, uma borboleta apareceu. Suas asas se abriram mostrando delicados desenhos coloridos. O tempo não me permitiu ficar para ver tudo. Quando voltei, ela não estava mais lá. Seguirá seu novo destino de voar à procura de flores. Se o mundo da lagarta não era maior que a folha que comia, o universo da borboleta era o jardim inteiro. Iria, fluando ao vento, por espaços com que uma lagarta não podia sonhar⁹.

Analisando metaforicamente, considera que nossa escola não percebe que o corpo da criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. E quanto mais estímulos a “criança borboleta” recebe, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar e ser feliz. No entanto, o que acontece na educação das crianças é uma metamorfose ao contrário. As borboletas voltam ao casulo. É algo muito mais seguro vivermos agarrados à folha que comemos do que tentar um vôo livre.

O que aconteceu conosco? O trágico disso tudo é que já fomos borboletas aladas em busca de espaços sem limites. Mas talvez por medo, tenhamos abandonado nossas asas. Esse medo também nos tornou incapazes de voar e sonhar. Tornamo-nos gordas lagartas, que não se encojam a se desprender das seguras folhas onde nos rastejamos. A crônica

⁸ ALVES, 2000, p. 43.

⁹ ALVES, 2000, p. 65.

“Ela não aprendeu a lição” faz uma crítica ao que fazemos com a criança na escola. Alves comenta as experiências absurdas ocorridas na escola com sua neta de 6 anos à época. O excesso de tarefas e as atividades aborrecedoras acabaram por provocar a indignação do filósofo.

Reacendeu-se em mim uma antiga convicção de que as escolas não gostam das crianças. Convicção que é compartilhada por muita gente, inclusive o *Calvin* e o *Charlie Brown*. Parece que as escolas são máquinas de moer carne: numa extremidade entram as crianças com suas fantasias e seus brinquedos. Na outra saem rolos de carne moída, prontos para o consumo, ‘formados’ em adultos produtivos. Alguns chegam mesmo a sugerir que a transição da infância para a condição adulta é a transição da inteligência para a burrice¹⁰.

A nossa escola é burra. Não só por causa de seus métodos de ensino. O problema se encontra naquilo que é ensinado. Aquilo sobre o que se fala tem de estar ligado à vida. O conhecimento que não faz sentido é prontamente esquecido. A nossa mente não é burra, ela não carrega carga inútil. A escola é incompetente porque não fala sobre aquilo que é vitalmente importante para as crianças. O corpo aprende apenas aquelas coisas com as quais está em contato. A aprendizagem é uma função do viver. Aprendemos para sobreviver e para viver melhor, com alegria. Mas a vida tem a ver com a relação direta do corpo com seu meio. Para isso a aprendizagem começa com os sentidos: o ver, o ouvir, o cheirar, o tocar, o gostar. Nova metáfora aparece em suas reflexões: queremos preparar tartarugas ou águias?

As tartarugas caminham solidamente sobre o chão. A vantagem é que não correm o risco de quedas. Tartarugas não quebram pernas. A desvantagem é que são míopes, veem quase nada do mundo. Já as águias, correndo o risco das alturas, acham que o risco da queda vale a pena, pois lá em cima, sem pés no chão, se vê muito mais longe e muito mais bonito¹¹.

¹⁰ ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002, p. 146.

¹¹ ALVES, 2002, p. 155.

O aprender fazendo é algo que aparece várias vezes nas suas crônicas e reflexões. Em “Curiosidade é uma coceira nas ideias”, “A máquina de roubar pitangas” e “É brincando que se aprende” isso fica bem explícito. Na primeira crônica comenta uma experiência educacional que teve em um momento de lazer. Praticar a arte da carpintaria é uma de suas atividades preferidas. Em sua oficina de artesão se achava quando uma criança chamada Dinéia se aproximou. A menina de sete anos ficou atentamente observando seu trabalho por pura curiosidade.

Curiosidade. Curiosidade é uma coceira que dá nas ideias...

Aquelas ferramentas e o que eu estava fazendo a fascinavam. Queria aprender. ‘O que é isso que você tem na mão?’ ela perguntou. ‘É uma trena.’ respondi. ‘Para que serve uma trena?’ ela continuou. ‘A trena serve para medir. Preciso de uma tábua de 1,20m. Assim, vou medir 1,20m. Veja!’¹²

A partir daí, tem início uma das mais alegres experiências de ensino-aprendizagem que teve na vida. A Dinéia queria saber de tudo. Não foi necessário fazer uso de nenhum artifício para que a menina ficasse motivada. O que movia a relação pedagógica daquele momento era o fascínio daquilo que ele estava fazendo com as ferramentas. Seus olhos e pensamentos estavam coçando de curiosidade. Ela queria aprender para se curar da coceira... Os gregos diziam que a cabeça começa a pensar quando os olhos ficam estupidificados diante de um objeto. Pensamos para decifrar o enigma da visão. Pensamos para compreender o que vemos¹³.

A menina Dinéia passou então a fazer uma série de perguntas e o mestre ficou estimulado por estar educando uma criança que não havia sido ainda deformada pela escola. O rosto da criança estava iluminado pela curiosidade e pelo prazer de entrar no mundo que não conhecia. Para as crianças, o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite. No entanto, toda essa curiosidade é transformada na escola.

¹² SINAPSE. *Folha de São Paulo*, Julho de 2002.

¹³ SINAPSE. *Folha de São Paulo*, Julho de 2002.

Fiquei a imaginar o que acontecerá com a Dinéia quando na escola, os seus olhinhos curiosos serão subtraídos do fascínio das coisas do mundo que a cerca e vão ser obrigados a seguir aquilo a que os programas obrigam. Será possível aprender sem que os olhos estejam fascinados pelo objeto misterioso que os desafia?¹⁴

A curiosidade e o fazer na educação estão presentes também no texto “A máquina de roubar pitangas”. Nesta crônica, o filósofo ressalta a engenharia no seu sentido etimológico como uma das fontes centrais do processo educacional. A palavra vem de *Ingenium*, que significa agudeza, o entendimento, o espírito de engenhosidade, coisa inventada com engenho.

Engenheiros então são aquelas pessoas que se dedicam a criar artefatos inteligentes. A gênese da engenharia nasce do corpo que deseja algo. Porém, por suas limitações, não tem recursos para conseguir o que deseja. O desejo só será realizado se a inteligência criar uma ferramenta que lhe possibilite conseguir aquilo que deseja.

Rapunzel operou com inteligência engenharial quando deixou crescer seus cabelos. Não deixou que eles crescessem por razões de vaidade. Não lhe importava que fossem sedosos, macios e brilhantes. Seus cabelos tinham que ser uma corda forte o bastante para que seu amado pudesse por ele subir. Os cabelos da Rapunzel eram um ‘artefato inteligente’ – um meio para a realização do desejo. Essa história, do ponto de vista psicanalítico, se presta a uma interpretação deliciosa: os cabelos crescem na cabeça; as ideias crescem também na cabeça. Cabelos: metáfora de ideias...¹⁵.

Enfim, o engenheiro é uma pessoa que se dedica a construir “pontes” entre o corpo e o desejo. Pontes são construídas sobre abismos. Pelas pontes os encontros são possíveis. Encontros entre o corpo e o que ele deseja. Realizado o desejo, o corpo fica feliz. Tomando a articulação entre o desejo e o engenho que se cria para realizá-lo, Rubem Alves vê outro elemento importante para nortear a educação que devemos oferecer aos alunos.

¹⁴ SINAPSE. *Folha de São Paulo*, Julho de 2002.

¹⁵ ALVES, Rubem. *Cenas da vida*. Campinas: Papirus, 2003, p.126.

Relatando um acontecimento de sua infância no interior de Minas Gerais, exemplifica sua primeira experiência na construção de um artefato inteligente.

Eu tinha seis anos de idade. Ao lado da minha casa pequena, uma casa com um quintal enorme, cheio de árvores frutíferas. Entre eles, perto do muro, uma árvore que eu nunca havia visto, carregadinha com umas frutinhas vermelhas, miniaturas delicadas e brilhantes de morangos: pitanga. O nome já diz do fascínio: pi x tanga: o erótico multiplicado por 3,1416. Ela, sem-vergonha vermelha tinha de ser deliciosa. Imaginei o prazer que eu teria comendo aquela frutinha. O prazer imaginado não dá descanso, já o prazer realizado tem vida curta: morre logo (podendo ressuscitar depois de três dias). Mas o prazer não realizado é um tormento. Disse o poeta inglês William Blake que “o prazer engravida”. Isso mesmo: gravidez. Não tem jeito de parar¹⁶.

O problema para o menino era que aquelas pitangas, objetos de seu desejo, estavam longe de seu alcance. Fez-se então necessário que o desejo pedisse ajuda da inteligência. Melhor dizendo, inteligências, para sermos fiéis às ideias do autor. Nosso corpo é uma espécie de casarão onde jazem adormecidas uma série de inteligências: a lógica, a culinária, a esportiva, a musical, a humorística, a religiosa, a lúdica, a ecológica, a mecânica, a pedagógica, a médica e até mesmo a criminosa, bem como uma infinidade de outras inteligências. Cada qual tem serventia para uma operação específica. Elas estão adormecidas.

[...] só acordarão quando forem tocadas por um beijo de amor. Aquela história do Alladin e da Lâmpada Maravilhosa: o gênio da lâmpada é a inteligência. O gênio não tem ideias próprias: ele só obedece às ordens do seu dono. Assim são as inteligências: elas só obedecem àquilo que o desejo determina¹⁷.

Considera que foi exatamente isso que aconteceu com aquele menino olhando o pé de pitanga sem poder alcançar as frutinhas. O desejo de comer pitangas convocou a inteligência criminosa, essa lhe aconselhou

¹⁶ ALVES, 2003, p. 127.

¹⁷ ALVES, 2003, p. 127.

que pulasse o muro e as roubasse. Nesse exato momento, porém, foi interpelado por outra inteligência que acordou: a da prudência. Esta tentou impedir-lhe de roubar as pitangas dizendo que ele poderia ser preso. Diante do impasse, o seu desejo convocou a inteligência engenharial.

Ela acordou e disse: ‘Faça-se uma máquina de roubar pitangas. Vou lhe ensinar como’. E pôs-se a me dizer o que eu deveria fazer. Eu teria de trabalhar. A inteligência sozinha não faz nada. Ela só pensa. Precisa do corpo para transformar o pensamento em realidade. Completando o aforismo de Blake: ‘O prazer engravida; o sofrimento faz parir’. Um professor que sabe esse aforismo sabe os essenciais da psicologia da criatividade. Eu teria que, primeiro, encomprar o meu braço. Procurei e achei um longo bambu. Depois, eu teria de acoplar uma mão mecânica na ponta do braço de bambu. Uma latinha de massa de tomate com um dente na borda faz as vezes de mão. Amarrei a latinha na ponta do bambu: eis pronta a minha máquina de roubar pitangas, que não cheguei a patentear. Roubei e comi quantas pitangas quis¹⁸.

A partir dessa história pessoal, aponta metaforicamente uma constatação indispensável que a escola e os professores não podem desprezar. Em cada aluno as inteligências dormem. Inúteis serão todas as tentativas de acordá-las por meio de ameaças. As inteligências só entendem os argumentos do desejo. São ferramentas e brinquedos do desejo. Cabe ao verdadeiro educador, aquele que ama seus alunos

[...] mostrar a frutinha. Comê-la diante dos olhos dos alunos. Provocar a fome. Erotizar os olhos. Fazê-los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Aí a cabeça fica grávida: engorda com ideias. E quando a cabeça engravida não há nada que segure o corpo¹⁹.

Alves não entende uma educação sem prazer e brincadeira. Em “O prazer da leitura”, “Dígrafo” e “Sobre dicionários e necrotérios” faz uma crítica da tortura que é o ensino de Português para os alunos. Acredita que, antes mesmo de iniciar-se um processo de alfabetização da criança,

¹⁸ ALVES, 2003, p.128.

¹⁹ ALVES, 2003, p.128.

deveria ser desenvolvido um processo de sedução para a leitura. O professor deve fazer com que o aluno fique fascinado com as coisas maravilhosas que podem estar nos livros. A aprendizagem da leitura deve ter início bem antes da aprendizagem das letras. Exatamente quando alguém lê uma história e a criança escuta com prazer.

Erotizada – sim, erotizada! – pelas delícias da leitura ouvida, a criança se volta para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – por que eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que está lendo²⁰.

O aluno deve ser seduzido pelo prazer de ler que o professor desperta, mas infelizmente não é isto o que acontece nas escolas. A escola obriga o aluno a ler livros e, para garantir isso, são cobrados questionários, fichamentos, bem como provas a respeito do que foi lido. Isso não tem nada a ver com o prazer. Onde se encontra o prazer do texto? Onde se encontra o seu poder de seduzir? Nossas escolas estão mais preocupadas com o ensino de gramática, os usos da partícula “se”, classificações das orações, análises sintáticas, dígrafos, encontros consonantais, etc...

A palavra ‘dígrafo’ não torna o texto mais saboroso, não aumenta a gula literária do aluno. Não tem também uma função cognitiva: o texto não fica mais claro, mais compreendido quando seus dígrafos são grifados. Tentei imaginar um curso inteligente em que a palavra ‘dígrafo’ entrasse. Não consegui formular uma única frase humana. Pergunto-me então as razões porque ela foi incluída no menu do menininho²¹.

É exatamente por causa de posturas como essas das escolas que aparecem nas livrarias os chamados resumos de obras literárias, obras que caem no vestibular. Quem estuda resumos de obras literárias para passar no vestibular aprende mais que isso: aprende a odiar a leitura.

²⁰ ALVES, 2002, p. 41.

²¹ ALVES, 2002, p. 48.

O pensamento educacional de Rubem Alves clama por um dia em que as crianças leiam livros sem ter de sublinhar os dígrafos e encontros consonantais e em que o conhecimento das obras literárias não será objeto de exames vestibulares. Os livros serão lidos pelo simples prazer da leitura. O prazer da leitura é o pressuposto de tudo o mais. Quem ama ler tem nas mãos a chave do mundo. A contraposição entre a leitura feita pelo prazer sem compromisso e a leitura obrigatória e pragmática é exemplificada metaforicamente.

Meu pensamento é poético. Recusa-se a andar em linha reta. Dança. Deleita-se em analogias. Apareceu-me logo uma analogia de natureza sexual, provocada por Roland Barthes, que liga o entusiasmo ao erotismo: o texto como objeto de prazer cujo manual de delícias, seu *Kama-Sutra*, há de ser aprendido. O par de amantes está abraçado, corpos e almas incendiados pelo desejo. A mão do amante desliza vagarosa pela pele lisa do corpo da amante, mas, ele professor de anatomia, em virtude dos seus saberes científicos e seus hábitos de professor, em vez de ir recitando docemente textos apaixonados do *Cântico dos Cânticos* ou dos poemas eróticos de Drummond, não pode resistir a compulsão de ir enunciando os nomes científicos dos músculos do corpo da amada por onde sua mão desliza... Assim terminou a noite que poderia ter sido uma noite de amor. A ciência triunfa – ele não errou nenhum nome, mas o amor fracassa²².

Ler é fazer amor com as palavras, os alunos devem ser incentivados, devem desejar a leitura. Pois toda aprendizagem verdadeira começa com um pedido. Se não houver pedido, a aprendizagem não acontecerá. Lembrando Adélia Prado, Rubem Alves conclui: “não quero faca nem queijo, quero fome”. Metáfora para o professor cozinheiro, Babette, que serve o aperitivo para que a criança tenha fome e desejo de comer o texto.

Os caminhos por onde está indo nossa civilização e o que ela está oferecendo para as crianças é outra preocupação muito frequente. Não temos consciência de direções nem tampouco escolhemos direções. Falta-nos estrelas que nos indiquem o destino. As únicas perguntas que fazemos, determinadas pelo pragmatismo da tecnologia (o importante é

²² ALVES, 2002, p. 47.

produzir objetos) e pelo objetivo da ciência (o importante é saber como ele funciona) são: Como posso fazer tal coisa? Como solucionar este problema concreto e particular? Nessas perguntas sentimos que não há preocupação com o todo, é como se ele já estivesse resolvido.

E é exatamente isso que é ensinado nas escolas:

[...] a precisa ciência da navegação, sem que os estudantes sejam levados a sonhar com as estrelas. A nau navega veloz o seu rumo. Nas universidades, essa doença assume a forma de peste epidêmica: cada especialista se dedica com paixão e competência a fazer pesquisa sobre o seu parafuso, a sua polia, a sua vela, o seu mastro. Dizem que seu dever é produzir conhecimentos. Se bem sucedidas, suas pesquisas serão publicadas em revistas internacionais. Quando se pergunta a eles: ‘Para onde o seu barco está navegando?’ – eles se respondem: ‘Isso não é científico.’ Os sonhos não são objetos do conhecimento científico... E assim ficam os homens comuns: abandonados por aqueles que, por conhecerem mares e estrelas, lhe poderiam mostrar o rumo²³.

Trazendo esta reflexão para a escola, Rubem Alves concorda que é necessário o ensino dos preciosos saberes da ciência às crianças, porém, também é necessário mostrar por que eles são úteis e como vão poder ser eficazes na vida dos educandos. Considera que a ordem com que propomos nossa educação está totalmente errada. Primeiro deveríamos “sonhar com a navegação” para depois “construirmos o barco e navegar”. É inútil ensinar navegação para quem mora nas montanhas.

Houve um momento em que se viu entre as estrelas um brilho chamado ‘progresso’. Está na bandeira nacional... E quilha contra as vagas – a galera navega em direção ao progresso, velocidade cada vez maior, ninguém questiona a direção. É assim que as florestas são destruídas, os rios se transformam em esgoto de fezes e veneno e o ar se enche de gases. Os campos se cobrem de lixo – e tudo fica feio e triste²⁴.

Alerta-nos no sentido de ensinarmos às crianças a sapiência de receber da ciência e da técnica o que de melhor elas nos podem oferecer a

²³ ALVES, 2002, p. 188.

²⁴ ALVES, 2002, p. 190.

fim de aumentar nossa qualidade de vida. Já está mais do que na hora de nossas escolas pararem de ensinar a técnica pela técnica, a ciência pela ciência. Nossos currículos falam por si. Eles são uma expressão clara de que nossa sociedade dá mais valor para a técnica instrumental do que para a imaginação e a intuição mediadas pelas artes em geral.

A filosofia da educação alvesiana propõe poeticamente que aos alunos sejam oferecidas menos tecnologias de ensino e mais sonhos de Paraísos e Jardins. Aos seus críticos que o rotulam de “sonhador romântico”, responde com um poema de Mário Quintana.

Se as coisas são impossíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las!
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Cenas da vida*. Campinas: Papirus, 2003.
ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papirus, 2002.
ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.
ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. Campinas: Ars Poetica, 1995.
ALVES, Rubem. Caderno Sinapse. *Folha de São Paulo*, Julho de 2002.

Submetido em: 14/05/2014

Aceito em: 27/05/2015